



Apresentação

A presente edição da Revista *Nau Literária* tem o orgulho de trazer a público o Dossiê “A literatura e os fins do capitalismo”. Este número conta, também, com uma entrevista com o professor doutor Raúl Antelo (UFSC), um dos intelectuais mais proeminentes do país na atualidade. Já o Dossiê, organizado pelos professores João Guilherme Dayrell (UFRGS) e Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), traz uma discussão incontornável para o tempo presente, qual seja, o questionamento do modo de produção e reprodução da vida que se tornou hegemônico no Globo terrestre ao longo dos últimos séculos. Se o século XX assistiu à derrocada do socialismo real, o triunfo das democracias liberais parlamentares, além da financeirização e seu correlato ideológico, o neoliberalismo, implementados no mundo a partir das décadas de 70 e 80 e, no Brasil, nos anos 90; o século XXI, marcado pelas crises geradas por tais rumos tomados pela economia-política, testemunha o acirramento da contradição entre trabalho e capital, sem falar no iminente colapso ambiental, diante do qual as forças política e economicamente dominantes, ao invés de buscar formas de remediação, parecem dobrar a aposta e acelerar suas consequências. Frente a tal sombrio quadro, a chamada do Dossiê se perguntava: o que caberia “à literatura, espaço dedicado, por excelência, ao imaginário e à imaginação?”, especialmente quando se tornou mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim de tal forma de produção, como quis a *boutade* de Jameson, Badiou e outros?

Assim, temos no presente número de *Nau literária*, se não respostas possíveis, cinco artigos que desdobram, intensificam e ecoam essa pergunta das formas mais variadas possíveis: em “Pedro Mexia e a poesia em tempos de vida a crédito”, Paulo Alberto da Silva Sales investiga a poesia do referido autor diante da financeirização da vida e do avanço do neoliberalismo, que acaba resultando em uma poética melancólica. Já Pedro Manica e Homero Vizeu Araújo discutem, em “Euforia e degradação em 1997: Verdade tropical, Cidade de Deus e Sobrevivendo no inferno”, o neoliberalismo, especialmente aquele que dá a tônica da economia-política do Brasil no ano de 1997, e sua ressonância em três formas poéticas citadas que vieram a público no referido ano. Em “A revolução da ‘comunidade natural-espontânea’ no conto ‘Coisas’, de José Saramago”, Daniel Vecchio perquire a mutação social no conto de Saramago, sublinhando o fato de a narrativa apontar para uma lição, um tanto inspirada em Karl Marx, de caráter humanista, defendendo a revolução e a reconstrução. Aline Rocha de Oliveira, por sua vez, investiga, em “Entre espectros e imigrantes: um olhar sobre *Os fantasmas*, de César Aira”, como o livro do escritor argentino trata a situação de uma família

de imigrantes chilenos no contexto do neoliberalismo na Argentina, com especial atenção ao protagonismo da fantasmagoria e do anacronismo. Ilse Maria Rosa Vivian, em “Narrativas de reexistência: as sobrevidas da memória em *Hanói*, de Adriana Lisboa, e *A noite da espera*, de Milton Hatoum”, escreve sobre como tais narrativas elaboram, cada uma a seu modo, uma *reexistência* frente às violências múltiplas da modernidade, especialmente do capitalismo. Carlos Henrique Fonseca e Rodrigo Valverde Denubila, em “*O último ancestral* na encruzilhada: uma proposta de leitura do afrofuturismo brasileiro”, que investigam a obra de Ale Santos, uma obra de ficção científica de destaque na produção literária afrofuturista brasileira, e a pedagogia alternativa proposta por Luiz Rufino.

O Dossiê é fechado com uma entrevista com o Raúl Antelo, um dos mais eruditos intelectuais em atividade no Brasil, que faz um exame agudo da relação entre estética e economia-política na contemporaneidade, por meio do qual, enfim, remonta sua própria trajetória intelectual. Para finalizar, Maura Voltarelli Roque resenha o livro *A parte maldita brasileira* (2023), de Eliana Robert Moraes, acentuando suas múltiplas relações com uma tradição que desdobra os trabalhos de Georges Bataille, a exemplo do historiador da arte francês Georges Didi-Huberman.

Gostaríamos de agradecer aos autores pelo envio de seus artigos para Nau Literária, além de agradecer, também, aos professores que atuaram como pareceristas. Desejamos a todos uma excelente leitura,

João Guilherme Dayrell
Gustavo Silveira Ribeiro.